



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**ELIANE SANTANA DE MENDONÇA**

**A VERDADE E O SEU ACONTECIMENTO NA ARTE  
EM HEIDEGGER**

Salvador  
2009

**ELIANE SANTANA DE MENDONÇA**

**A VERDADE E O SEU ACONTECIMENTO NA ARTE  
EM HEIDEGGER**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Filosofia, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Filosofia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Acylene Maria Cabral Ferreira

Salvador  
2009

---

M539 Mendonça, Eliane Santana de.  
A verdade e o seu acontecimento na arte em Heidegger. -- Salvador, 2009.  
44 f.: il.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Acylene Maria Cabral Ferreira  
Monografia (graduação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de  
Filosofia e Ciências Humanas, 2009.

1. Verdade. 2. Filosofia alemã. 3. Fenomenologia e arte. 4. Transcendência  
(filosofia). 5. Liberdade. 6. Arte. 7. Heidegger, Martin, 1889-1976. I. Ferreira,  
Acylene Maria Cabral. II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia  
e Ciências Humanas. III. Título.

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**ELIANE SANTANA DE MENDONÇA**

**A VERDADE E O SEU ACONTECIMENTO NA ARTE EM HEIDEGGER**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de  
Bacharel em Filosofia.

### **Banca Examinadora**

---

**Acylene Maria Cabral Ferreira - Orientadora**

Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.  
Universidade Federal da Bahia

---

**Carlota Maria Ibertis**

Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil.  
Universidade Federal da Bahia

---

**Kleverton Bacelar Santana**

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo, Brasil.  
Universidade Federal da Bahia

Salvador, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2009.

A minha querida Vovó Josefa  
pelo enorme carinho.

A Inaê e a Gabrielzinho  
pelos graciosos sorrisos diante do mundo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, antes de tudo, a Acylene, pela orientação dedicada, paciência e zelo, sem os quais este trabalho não seria possível. Aos meus colegas do grupo de estudos em fenomenologia e hermenêutica pelas discussões e reflexões que tanto ajudaram a esclarecer algumas questões aqui abordadas. A Mateus e Teresa Bastos pela atenta revisão. Em especial, a minha mãe Nivalda Santana pela inesgotável ternura. Aos meu queridos amigos e amigas, e a todos que direta e indiretamente contribuíram para a elaboração deste trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho investiga como a essência da verdade e a transcendência encontram-se correlacionados com a arte no pensamento de Martin Heidegger. Pretendemos esclarecer o conceito de liberdade, como deixar-ser do ente, com a finalidade de mostrar que ela fundamenta a verdade como desvelamento do ser, visto que a liberdade é possibilidade de ser. Em seguida, mostraremos que a arte corresponde a liberdade, já que esta inaugura e instala modos de ser da presença e do mundo. A liberdade como possibilidade de ser projeta a presença em direção ao mundo. Esta projeção, Heidegger denomina transcendência. A presença transcende na medida em que faz a experiência do ser e realiza possibilidades de ser. Neste sentido, a liberdade e a verdade correlacionam-se com a criação. Esta será vista através da obra de arte.

Palavras-chave: verdade, desvelamento, liberdade, transcendência, criação, arte.

## **ABSTRACT**

The following work investigates how the essence of truth and transcendence are connected to art in Martin Heidegger's thought. It aims to clarify the concept of freedom as "letting-be of what is" in order to place it as fundament of truth as discovery of Being, since freedom is the possibility of being. Subsequently, it will be shown that art corresponds to freedom, inasmuch as it instates and inaugurates modes of being of the presence and of the world. Freedom as possibility of being projects the presence towards the world. Heidegger denominates this projection as transcendence. The presence transcends as it makes the experience of Being and fulfils possibilities of being. In this sense, freedom and truth are related to creation. The later will be seen through the work of art.

Keywords: truth, discovery, freedom, transcendence, creation, art.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO 1: A QUESTÃO DA VERDADE.....</b>	<b>11</b>
1.1- Verdade com concordância.....	11
1.2- Verdade como Desvelamento.....	14
1.3- Liberdade como essência da verdade.....	22
<b>CAPÍTULO 2: TRANSCENDÊNCIA E VERDADE.....</b>	<b>26</b>
2.1- Liberdade como fundamento da Transcendência.....	26
2.2- Transcendência e criação.....	29
2.3- Arte como acontecimento da verdade.....	33
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>43</b>

## INTRODUÇÃO

A questão que permeia a filosofia de Heidegger é a questão do ser. Para ele, esta é uma questão própria da existência humana. Para pensar a questão do ser, ele propõe o conceito de diferença ontológica que aponta para a diferença entre ser e ente. Segundo o autor na tradição filosófica, o ser foi entificado, ou seja, tratado como se fosse um ente. Na diferença ontológica o ser se vela no ente e este se desvela em seu ser. Porque o ser se vela, o homem tende a esquecer seu desvelamento. Por este motivo, na filosofia tradicional, ser se mostra no ente, assim como o ente se desvela pelo ser. Assim, Heidegger afirma que a história da filosofia é a história do esquecimento do ser.

O filósofo designa o homem como *Dasein* que significa ser-aí, presença<sup>1</sup>, um ente que está presente no mundo. Presença é a existência do homem que se projeta no mundo porque não há a possibilidade de existir fora dele. Desse modo, presença é a referência à abertura do homem ao ser. É no mundo que a presença assume seus modos de ser, a sua existência e edifica a sua história.

Intrínseco aos modos de ser da presença está a verdade e a liberdade. A presença realiza as suas possibilidades de ser no mundo através da liberdade e, desta realização surge a verdade. Esta só é possível porque a presença projeta seu ser para o mundo transcendendo a si e criando novos modos de ser. O presente trabalho tem por objetivo investigar como a essência da verdade e a transcendência da presença encontram-se correlacionados com a arte no pensamento de Martin Heidegger. Pretendemos mostrar como os conceitos de liberdade, transcendência, mundo, criação e arte, estão essencialmente correlacionados com o conceito de verdade.

---

<sup>1</sup> “Presença” é a tradução brasileira, de Márcia de Sá C. Schuback no livro *Ser e Tempo*, para a palavra alemã *Dasein*. “Pré” corresponde a *Da, aí, lá* e “sença”, como forma derivada de “esse”, corresponde a *Sein, Ser*. A tradutora explica que preferiu usar o termo “presença”, porque *Dasein (ser-aí)* é comumente traduzido por existência, e o sentido que tem a palavra *Dasein* pensado por Heidegger é diferente de existência pensada na metafísica tradicional. Por isso optamos em utilizar em todo texto o termo “presença”.

Na primeira parte do nosso trabalho, analisaremos a verdade a partir do parágrafo 44 de *Ser e Tempo*, a fim de mostrar como este conceito enquanto desvelamento se distingue do conceito de verdade como concordância apreendido pela tradição filosófica. Em seguida, mostraremos a correlação da verdade com a liberdade, visto que esta constitui o aberto no qual a verdade se dá como acontecimento da presença e do mundo.

Na segunda parte, tendo por base o ensaio “A origem da obra de arte”, veremos que um dos modos da verdade acontecer enquanto desvelamento é através da arte. Ao criar, a presença constituída pela liberdade e transcendência, projeta seu ser para o mundo dando-lhe significância. Assim a presença deixa que o ente surja no aberto e saia do velamento para o desvelamento. Pretendemos mostrar como a arte é um modo de experiência do ser, ou seja, um modo de acontecimento da verdade e de desvelamento do ente e da historicidade da presença.

## Capítulo 1

### A QUESTÃO DA VERDADE

#### 1.1 - *Verdade como Concordância*

Desde o nascimento da filosofia na Grécia antiga e tradicionalmente na história o problema da verdade é digno de importância dentre os mais diversos e significativos temas de investigação. O conceito de verdade pode ser apreendido como o lugar da proposição, sua essência reside na concordância entre o enunciado e a coisa e vice-versa. Porém, o que significa afirmar que um conhecimento concorda com seu objeto ou com uma coisa? “Concordar” significa relacionar algo com algo, mas nem toda relação é necessariamente uma concordância. O quê a verdade deve concordar? Como podem duas coisas diferentes concordar entre si? A enunciação não é algo material, como por exemplo, uma moeda. O enunciado “apresenta”, deixa surgir a coisa diante de nós enquanto objeto. Na medida em que a enunciação obedece à ordem de exprimir o ente como ele se mostra, ela se conforma ao ente e dizemos que tal enunciação é verdadeira.

Martin Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo* questiona: “O que é isso em cuja perspectiva concorda aquilo que, na *adaequatio*, se relaciona? [...] Em que perspectiva *intellectus e res* concordam?”.<sup>2</sup>

É possível uma igualdade, uma concordância entre *res e intellectus* (coisa e intelecto)? Heidegger não nega que uma proposição possa ser verdadeira ou falsa, ou que ainda ela possa adequar-se à coisa falada. O que este filósofo questiona é o que faz o enunciado ser verdadeiro, ou seja, como é efetuada a concordância.

---

<sup>2</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988, Parte 1; p. 283.

Todo conhecimento pretende “dar” a coisa assim como ela é. O termo “assim como” traduz uma relação de concordância. O conteúdo ideal do juízo ou do enunciado é o que se encontra numa relação de concordância. Isto é, concordância caracteriza o nexos entre o conteúdo ideal do enunciado e a coisa real sobre a qual se julga. “Quando é que o fenômeno da verdade se exprime no próprio conhecimento? Sem dúvida, quando o conhecimento se mostra *como verdadeiro*. É a própria verificação de si mesmo que lhe assegura a sua verdade”.<sup>3</sup> É, pois, nesta verificação que a relação de concordância é feita.

Podemos esclarecer esta relação através do exemplo citado por Heidegger em *Ser e Tempo*, quando alguém de costas para a parede afirma: “o quadro na parede está torto”, e ao virar-se é verificado que o quadro, de fato, está torto na parede. Essa proposição apenas representa ou remete para o quadro real na parede. Não há uma comparação entre uma representação e a coisa, o que é confirmado é o objeto mesmo, o quadro visado pelo enunciado e seu ser percebido. Se fosse introduzida à proposição outra coisa que não fosse o quadro real na parede, esta seria falsa porque não estaria em concordância ou em adequação com o fenômeno. O que é verificado ao se olhar o quadro é somente o fato de que era o próprio ente que se visava na proposição. Ao cumprir a verificação, o conhecimento se remete ao ente em si mesmo, assim como se mostra e descobre sendo na proposição. Dizer que a proposição é verdadeira significa descobrir o ente em si mesmo. A proposição “deixa ver”, indica o ente. Nesse sentido, a verdade da proposição é entendida como “ser-descobridor”.

Ao pensarmos em palavras como, por exemplo, cadeira e caneta, fazemos associações com a forma destas coisas. Essa concordância diz respeito à concepção de verdade na filosofia tradicional. Não pensamos em uma cadeira com a forma de caneta porque, se assim fosse, nosso pensamento não estaria de acordo, seria falso. Desta maneira, ao fazermos afirmações do tipo “Sócrates é grego”, “tamarindo é azedo”, “o céu é azul”, estas frases contêm “algo verdadeiro”, exprimem verdades, dizem “o que é”. Aqui, a frase coincide com a coisa, com o ente, e verdade significa correção, concordância. Este conceito de verdade provém da regência de coisa por outra, de relacioná-las, correspondê-las, corrigi-las, concordá-las.

---

<sup>3</sup> Ibid., p. 285.

Ao caracterizar a verdade como concordância acontece um deslocamento da verdade para a sentença ou enunciado, visto que é a sentença que pode ser verdadeira ou falsa. Esta concepção de verdade encontra-se em Aristóteles e se desenvolveu dentro da história da metafísica. A noção de verdade foi apreendida como “validade”. Afirmar que o lugar da verdade é a sentença, é afirmar sobre o ser das coisas. A sentença não pode decidir sobre o ser das coisas pois, dessa forma, configura-se que o sentido do “sendo” ou “do que é”, é o ser verdadeiro das sentenças. Onde está o fundamento dessa verdade? Na concordância. Entretanto, como a concordância pode relacionar coisas diferentes: sentença e coisa, pensamento e objeto?

O verdadeiro é designado como aquilo que está de acordo, deste modo a essência da verdade na metafísica tradicional significa que a verdade é a adequação do enunciado à coisa, ou seja, a verdade da proposição deve estar em conformidade com a verdade da coisa. Geralmente admitimos que a verdade tenha um contrário. A não-verdade da proposição é a não-concordância da enunciação com a coisa. A não-verdade é vista como um não estar de acordo ou um contrário da verdade, por isso ela é excluída quando quer se apreender a essência da verdade. Ao afirmarmos, por exemplo, que “a cadeira é de ferro”, dizemos que a enunciação está de acordo com a coisa. Isso é uma adequação, uma relação entre a enunciação e a coisa. A enunciação apresenta a coisa e diz da coisa o que ela é. A enunciação apresenta a coisa no sentido de deixá-la surgir diante de nós enquanto objeto. Aquilo que está presente – a coisa - é chamado de ente. Essa relação da enunciação apresentativa com a coisa é definida, por Heidegger, como encontro de aberturas da presença e do mundo, que ele designa *comportamento*. “O comportamento está aberto sobre o ente. Toda relação de abertura, pela qual se instaura a abertura para algo, é um comportamento”.<sup>4</sup>

Mas isso não significa que a conformidade esteja posta de modo que a coisa seja o enunciado e vice-versa. A enunciação e a coisa são de naturezas distintas. A conformidade é feita pela presença porque ela é abertura, compreensão que significa mundo. Fazer uma enunciação sobre alguma coisa não me dá a verdade dessa coisa, só apresenta a coisa para mim. A enunciação se submete à ordem de exprimir o ente assim como ele é, como ele aparece. A enunciação se conforma ao ente, é dita então como verdadeira (ou válida). Mas é o

---

<sup>4</sup> Id. Sobre a essência da verdade. in: **Heidegger**: Conferências e Escritos filosóficos. São Paulo, SP: Nova cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores); p. 126.

comportamento que mantém essa abertura da coisa e da presença: a conformidade vem depois. “A verdade originária não tem sua morada original na proposição”.<sup>5</sup> O que torna possível a conformidade é a abertura que o comportamento mantém. O que torna, portanto, possível a conformidade, possui um direito mais original de ser considerado como a essência da verdade. A enunciação não é o único lugar essencial da verdade.

## 1.2 - *Verdade como Desvelamento*

Ainda na Grécia antiga, havia um sentido diferente, anterior a esse conceito de verdade como correspondência ou adequação. Verdade na antiga Grécia era expressa pela palavra *Alétheia* (ἀληθεια), que significa “desvelamento de ser” ou “desencobrimento do ente”. É nesse sentido de desvelamento que Heidegger busca a essência da verdade.

*Alétheia* possui o “a-privativo”, que pode corresponder ao prefixo “in”, que está, por exemplo, na palavra “in-finito”, aquilo que não é finito. O sufixo da palavra *Alétheia*, *Lethe* (λήθη) quer dizer encobrimento ou esquecimento. Na mitologia grega *Lethe* é um rio do *Hades* (mundo dos mortos). Aqueles que bebesses das suas águas experimentariam o completo esquecimento. Logo, *Lethe* passou a significar esquecimento. *Alétheia* significa “não-esquecimento”, “não-encobrimento” ou ainda “des-velamento”. “Des-encobrimento” é deixar para trás o encobrimento. “Des-encobrir”, abrir aquilo que estava coberto, “descobrir” aquilo que estava oculto. Como uma presa que precisa ser arrancada do velamento, *Alétheia* designa o que não está velado, aquilo que precisa ser desvelado ou arrancado em uma discussão, por exemplo. Por outro lado, *Alétheia* possui uma outra indicação: “Des-encobrimento” aponta para encobrimento como retraimento, conservação e recusa, como fechamento e preservação originária. Parece um desencobrimento que se retrai, ou seja, que se encobre descobrindo. O desencobrimento acontece através de uma luta com o encobrimento.

*Alétheia* pode ser relacionada à outra palavra grega originária: *Physis* (φύσις), que Heidegger aponta como aquilo que surge por si mesmo, como fonte inesgotável. Palavra que quer dizer realidade enquanto dinâmica, circular, infinita. Sendo desse modo, verdade como

---

<sup>5</sup> Ibid., p. 126.

desvelamento constitui um acontecer que surge por si, um mostrar-se que é anterior à verdade como concordância ou adequação. Isso significa que antes da verdade ser determinada pela proposição como “falsa” ou “verdadeira”, ela acontece, desvelando-se enquanto fenômeno originário.

A “definição” proposta da verdade não é um *repúdio* da tradição, mas uma *apropriação* originária: e tanto mais quando se consegue provar o fato e o modo em que a teoria fundada no fenômeno originário da verdade precisou chegar à idéia de concordância.<sup>6</sup>

Em *Ser e Tempo*, Heidegger considera a presença como “ser-no-mundo”, um ente constituído de mundo que dá significância ao mundo e é constituído pela mundanidade do mundo. A presença “existe” no mundo, por isto ela é existência. A pedra, a caneta e o lápis, ou seja, os entes intramundanos, estão no mundo, mas não existem. Somente a presença existe. A pedra é, mas não existe como a presença. Neste sentido, a questão da verdade só diz respeito a presença, porque somente ela descobre os entes intramundanos ou as coisas no mundo. Estes últimos, sempre estiveram aí, mas seus significados somente a presença lhes dão. Sendo descobridora de mundo, a presença é “abertura”. Essa abertura essencial da presença alcança o fenômeno originário da verdade. “A *pre-sença* é e está ‘na verdade’. Essa proposição tem sentido ontológico”.<sup>7</sup> é e está ‘na verdade’”.<sup>8</sup> Tal afirmação indica que ser “abertura” faz parte da constituição existencial do homem a presença ser “abertura”. Ela descobre o que se abre, vê o que se mostra no aberto. A presença é um ente que compreende ser, por isto ela é denominada de “ser-no-mundo”: ente que se projeta em direção ao mundo.

A presença é abertura para novas possibilidades de ser, porque deixa que os entes venham ao seu encontro. Ela está sempre junto às coisas e é afetada pelo mundo. Na medida em que se relaciona com o mundo, ela se abre para o mesmo descobrindo-o como tal. Assim, a verdade acontece na correlação de abertura da presença com a abertura do mundo, e o que se descobre nessa correlação, nesta verdade, são os entes. Portanto, a presença exerce o papel mais

---

<sup>6</sup> Id., *Ser e Tempo*. p.288.

<sup>7</sup> Ibid., p. 289.

<sup>8</sup>



importante no acontecimento da verdade. Sem ela as coisas do mundo não seriam descobertas e significadas. Verdade acontece porque há um ente descobridor.

Como já afirmamos anteriormente, a verdade se dá na luta do desvelamento com o velamento. Isto significa que na medida em que a presença se abre ela também se fecha. Do mesmo modo que a presença é e está na verdade, ela é e está na não-verdade, de forma igualmente originária. Enquanto a verdade se dá, outras verdades (não-verdades) estão ocultas, encobertas e podem se desvelar através do encontro da abertura do mundo com a abertura da presença. Isso revela que a verdade é originária, porque se desvela nessa relação de aberturas e não na concordância que se faz entre enunciado e objeto. Assim, demonstra o caráter derivado da verdade como concordância no fenômeno originário da verdade como desvelamento.

“O ser – e não o ente – só ‘se dá’ porque a verdade é. Ela só é na medida e enquanto a presença é. Ser e verdade ‘são’ de modo igualmente originário”.<sup>8</sup> Para esclarecermos sobre a questão da originariedade da verdade, é preciso saber o sentido do ser. Heidegger questiona se conseguimos, durante toda a história da filosofia, apreender o sentido do ser. Para ele, nós determinamos o ser de vários modos diferentes em cada época, em vários momentos históricos. Objetivamos o ser e o colocamos como contrário do ente, criando a diferença e dualidade entre sujeito e objeto. O sentido do ser está no acontecimento do ente. Nós podemos afirmar, por exemplo, que o ente “cadeira” é “azul”. Ao afirmarmos isso, determinamos como este ente, cadeira se dá (como azul). Determinamos como ele acontece enquanto fenômeno naquele momento. Mas, quando afirmamos que a coisa é, o seu ser já se deu, afirmamos o ente em seu ser.

Falamos de ser e ente para mostrar como a questão do ser se relaciona com a questão da verdade. A questão da verdade está fundada na questão do ser. A crítica de Heidegger à metafísica tradicional baseia-se no princípio de que não basta definir a verdade, mas esta deve ser tomada na medida em que ela é manifestação fenomenológica da questão do ser. Verdade enquanto desvelamento é verdade daquilo que aparece ou que se manifesta enquanto fenômeno. Quando uma verdade acontece já deixou de ser, e vem outra verdade. Desse modo a verdade é finita, tem caráter histórico e está ligada à história do ser. A história do ser está limitada à compreensão do ser. Nesse sentido, as verdades surgem a partir dos acontecimentos

---

<sup>8</sup> Ibid., p. 299.

da história do ser. Verdade surge através da compreensão da presença. Verdade é condição de possibilidade, ela acontece e a presença é a única que é abertura para descobrir o que está encoberto, assim ela pode encobrir a verdade.

Deste modo, podemos afirmar que as coisas já estavam aí no mundo, a presença apenas as descobre e torna-as acessíveis a ela. Por exemplo, as leis de Newton se tornam verdadeiras com ele: antes não eram nem verdadeiras nem falsas. Essa descoberta é o modo de ser da verdade. Verdade só é verdade enquanto a presença é. Antes e depois dela não existia verdade porque esta só acontece como abertura, descoberta do ente pela presença. No entanto, afirmar que verdade como descobrimento é um modo de ser da presença não significa dizer que ela se encontra subtraída ao arbítrio humano.

Heidegger quer mostrar que o conceito de verdade que ele desenvolve está ligado a presença enquanto tendência ao encobrimento, ou seja, ela existe “junto-das-coisas”, na ocupação com os entes. A presença tende a encobrir o ser dos entes e isso é inevitável, pois ela existe desvelando e velando o ser dos entes. Somente a partir deste movimento de descobrir e encobrir, que acontece desvelamento, novos acontecimentos são possíveis e, com eles, novas verdades.

O modelo da tradição que pensa a verdade na relação verdadeiro-falso é destituído do caráter de não-verdade e verdade que se dá no âmbito da verdade como desvelamento. A verdade enquanto desvelamento e velamento não nega que exista a verdade como adequação ou concordância, ou o falso e o verdadeiro. Da não-verdade origina-se a verdade-desvelamento, e a verdade como concordância é derivada da verdade-desvelamento.

A pergunta sobre a essência da verdade deve ficar esclarecida quando conseguirmos esclarecer a essência do ser, a essência da presença. A pergunta pela essência da verdade torna-se, conseqüentemente, a pergunta pela essência da presença. Assim, percebe-se que a essência da verdade pertence a presença de forma originária.

Ao afirmarmos “o giz é branco”, não apreendemos o giz. Apreendemos quando ele se mostra no seu desvelar. Como abertura, deixamos que o giz se manifeste, se desvele enquanto modo de ser de ente giz que se anuncia.

Deixamos esse ente ser, não tiramos nada dele e não damos nada a ele. Não o repelimos para longe de nós nem o atraímos para perto de nós; entregamos esse ente a si mesmo e justamente nessa entrega sucede ao giz ser o que e como ele é como esse giz.<sup>9</sup>

A presença existe enquanto um “ser-com-os-outros”. Os outros entes estão também aí, mas não estão juntos uns com os outros, porque são desprovidos do caráter de ser-no-mundo. Eles possuem realidade assim como a presença, mas isto não significa que são “ser-com-os-outros”. A cadeira e a mesa são ao mesmo tempo reais, mas não são uma-com-a-outra. Duas pedras podem estar paradas uma ao lado da outra, mas não são “uma-com-a-outra”. Somente a presença enquanto “ser-no-mundo” é “ser-com-o-outro”.

Quando Heidegger diz “ser-com-o-outro”, ele quer dizer que o “com” aponta para um compartilhamento. A presença compartilha o mundo, pois se relaciona com ele e com os outros entes. Mesmo na solidão a presença é ser-com-o-mundo. O mundo é sempre mundo compartilhado, o viver é sempre uma “con-vivência”.

A presença deixa o ente ser e ela própria acontece enquanto verdade do ser. Deixar o ente ser como ele é, significa entregarmo-nos a ele, ocuparmo-nos dele. Justamente no uso e para o uso, ou ainda no não uso, deixamos o ente ser o que ele é. Deixar-ser o ente é anterior a qualquer interesse particular ou a toda indiferença determinada. Deixar o ente é um ‘fazer’ do tipo mais elevado e originário, é ter um cuidado que só é possível por causa da essência mais íntima da presença, em razão da existência, em razão da liberdade. (Trataremos do conceito de liberdade no próximo capítulo.)

Heidegger ilustra sua concepção da verdade como desvelamento através da análise da *alegoria da caverna*, contida no livro VII de “A República” de Platão.

O autor explica que seu trato com a alegoria tem por fim despertar e colocar em questão a essência da verdade. Ela aborda a luta de duas concepções de verdade: a verdade como descobrimento e a verdade como correção ou adequação. Esta última, segundo Heidegger, foi a que prevaleceu na história da metafísica.

---

<sup>9</sup> Id. **Introdução à filosofia**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008. p. 107.

A primeira parte da alegoria descreve a situação dos homens na caverna, que estão presos, amarrados de forma que a única coisa que eles vêem são sombras de objetos e pessoas projetadas na parede. Desta situação, Heidegger entende que a verdade como desencobrimento acontece quando os prisioneiros consideram as sombras projetadas na parede da caverna como o desencoberto. Para os prisioneiros, essas sombras correspondem à verdade, à *Alétheia*. Isso significa que os homens estão e se comportam com o desencoberto desde que nascem. O que se desencobre aos prisioneiros, ou seja, as coisas que lhes vêm ao encontro, são as sombras. Na caverna, reina e impera *Alétheia* como desencobrimento, não como correção.

Num segundo momento, acontece a “libertação” das correntes de um dos prisioneiros dentro da caverna. O libertado percebe então que aquilo visto na parede são apenas sombras de pessoas e coisas projetadas pela luz da fogueira. Aqui, o desencobrimento entra em movimento: não se trata mais de sombras, e sim de outro desencoberto. O homem que se liberta, ao virar-se, faz uma descoberta e uma correção. Ele compara as sombras com as coisas. É nesse momento que percebemos as duas instâncias de verdade como desencobrimento e correção. “A verdade como correção é impossível sem a verdade como desencobrimento”.<sup>10</sup>

Depois de compreender isso, é questionadora a questão de como foi possível ligar o conceito de verdade ao de correção. A resposta é que o conceito de desencobrimento já traz consigo a conformidade. A coisa se desencobre ou se manifesta antes de qualquer verdade como correção. Assim, verdade no sentido de correção se funda na verdade como desencobrimento.

A libertação do prisioneiro só acontece quando houver uma transformação e uma adaptação dele à luz, quando for possível ver o desencoberto como desencoberto. A libertação mesma só acontece quando ele sai da caverna, vê a luz do sol e percebe que o sol é fundamento de tudo que é, ou seja, o ser que ilumina todo ente.

Para alguma coisa ser vista, é preciso luz. Luz é a condição de possibilidade de algo ser visto. A coisa então se apresenta para nós, percebemos o “estar-presente” da coisa. O “estar-presente” para os gregos é vigência, e isso equivale, para eles, a “ser”. O modo como uma

---

<sup>10</sup> Id. **Ser e Verdade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 148.

coisa se apresenta é seu “ser” e só podemos constatar algo como algo, quando já possuímos uma “compreensão prévia”, ou seja, só sei que aquilo que se apresenta como cadeira é cadeira, porque já compreendo antecipadamente o que é cadeira.

Ao vermos um livro, já sabemos o que é o livro antecipadamente, porque já temos previamente uma compreensão de ser do livro. Assim, deixamos vir ao nosso encontro como “este” sendo. A luz (o ser) é a condição prévia para se compreender as coisas. A luz dá passagem, ilumina. O que liberta é esse ligar-se à luz. Ligar-se é ater-se à liberdade, é ser, é estar livre. Liberdade nesse sentido é um ligar-se com o que as coisas são em sua essência. A ligação é este esboço prévio, esse antecipar que faz aparecer isso que é e está sendo, o essencial.

O prisioneiro da caverna de Platão consegue se libertar, sair em direção à luz do sol porque este clareia seu caminho. Primeiro, ele cria uma resistência, por estar acostumado às sombras, mas, depois, consegue se adaptar ao iluminado. Neste sentido, ele se liberta propriamente porque ele pode ver claramente as coisas naquilo que elas são, o que permite a travessia é a luz. Ela é condição de possibilidade do visível. Isso que o ente é, como ele se mostra, eu compreendo previamente. Dessa forma, o isso compreendido (cadeira, casa, livro) corresponde ao ser. É o que atravessa o olhar como uma transparência, para ver a coisa como coisa que ela é (livro, cadeira etc.).

O libertar-se do prisioneiro é um ser livre para a luz.

Ser livre na concepção de Heidegger significa elevar-se para a compreensão própria do que as coisas são. Só podemos determinar fatos quando já compreendemos previamente o ser das coisas. Não apreendemos o ser com base numa pesquisa maior de fatos. No campo das ciências, por exemplo, antes de qualquer experimento, questão ou determinação, deve-se estabelecer o que pertence à essência de toda natureza. O comportamento da ciência se funda numa visão originária da essência, que vai se desenvolver ao longo da história da presença. Desse modo é que *Galileu* estabeleceu uma nova atitude fundamental diante da realidade quando constitui como “princípio dos fenômenos naturais um sistema de movimento no espaço e no tempo para os corpúsculos, isto é, as unidades de massa”<sup>11</sup>. Assim, temos uma compreensão prévia do ser da natureza, por isto nos é possível experimentar e interrogar a natureza, assim como também medi-la.

---

<sup>11</sup> Ibid., p. 171.

A arte, e, sobretudo a poesia, também são orientados por essa visão de desencobrimento. A verdade da arte está em abrir espaço para o possível, em ser um esboço livre e criador de novas possibilidades. O liberar que as coisas sejam em seu ser, é o que faz aparecer o que é e está sendo, o singular, o original.

Verdade, na interpretação de Heidegger sobre o pensamento de Platão, é desencobrimento iluminado pelo ser. Nesse sentido, ela não é uma ocorrência, é o acontecer de um processo dos entes, é um acontecer como uma criação. A jarra, por exemplo, é um ente receptáculo produzido a partir do vazio que acolhe o recipiente. O vazio é recipiente do receptáculo. O ser coisa do receptáculo reside no vazio que recebe, não na matéria de que é feita a jarra. “A jarra é uma coisa à medida e enquanto coisifica, no sentido de reunir e recolher, numa unidade, as diferenças”.<sup>12</sup> A jarra vige e vigora em seu ser quando criada no modo livre de deixar ente ser ente, de trazer o ente para o aberto e para a sua abertura.

O acontecimento da verdade como desencobrimento acontece juntamente com o seu contrário, encobrimento. A presença está na verdade, na medida em que a verdade acontece nesse descobrir as coisas. A verdade é esse acontecimento – finito – de descoberta das coisas. Finito porque se dá e pronto, e logo depois ela se dá de novo, não como um fim, mas como princípio. A presença está o tempo todo nesta descoberta, nesse criar, ela mesma é esse criar, esse dar e abrir-se. Ela é abertura. O desencobrimento é o acontecimento fundamental da presença porque é assim que ela determina a história e é determinada por ela. História é acontecimento da verdade do ser.

A alegoria termina com o retorno do libertado para a caverna. Neste último estágio, ele mostra que o que está em jogo é a história do homem. Há a perspectiva de morte daquele prisioneiro libertado que deseja libertar os outros prisioneiros da caverna. O libertador corresponde, por seguinte, ao filósofo, aquele que se adaptou à luz e que retorna para libertar os presos, mas estes não crêem nele. Ridicularizam-no, duvidam da realidade que o filósofo diz conhecer. Diante disto, o filósofo vive solitário, ele vê tudo diferente dos prisioneiros, sabe o que é luz, sombra, o que é realidade e o que é aparência. Ele sabe que dentro da caverna se dá um certo desencobrimento, mas que esse desencobrimento encobre para os prisioneiros o desencobrimento mesmo. A verdade (*Alétheia*) na caverna é real, mas encobre a realidade

---

<sup>12</sup> Id. **Ensaios e Conferências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 155.

fora da caverna. O libertado, ao retornar às sombras, percebe que ao mesmo tempo em que acontece o desencobrimento, acontece também o encobrimento, a aparência, o engano. E que esse desencobrimento se dá e acontece na história da presença num debate com a falsidade e aparência.

A *alegoria da caverna* trata, portanto, do caráter fundamental de ser filósofo. Trata-se da história da presença. Esta é trânsito e passagem da caverna para a luz e retorno à caverna. Com base no retorno podemos fazer a distinção entre ser e aparência. Ao desencobrimento, portanto, pertence também a aparência, o cobrir, ou seja, a não-verdade. Esta última pertence à essência da verdade. Na disputa entre verdade e não-verdade se dá desvelamento.

A partir da alegoria da caverna, podemos supor que a verdade em Platão vista por Heidegger corresponde a *Alétheia*, desvelamento. No entanto, o sentido de verdade estabelecido na história da metafísica é compreendido como concordância, adequação. E ela se torna adequação, porque as coisas já estão dadas como modelos a serem copiados e reproduzidos. Verdade, em seu sentido originário como desencobrimento de ente/ser, acontece no momento em que a presença se abre para a abertura da coisa, ou para a sua manifestação. Momento este que tem como fundamento a liberdade de deixar a coisa livre para ser sem determiná-la.

### 1.3 - *Liberdade como essência da verdade*

Nos tópicos anteriores vimos como acontece a verdade como adequação e como desvelamento. Desvelamento - *Alétheia* ocorre na relação da presença com o ente, ou seja, a presença como abertura de mundo deixa que o ente se mostre, se desvele e seja descoberto. A essência ou o fundamento da verdade como desvelamento está na liberdade.

A liberdade no pensamento de Heidegger é aquilo que detém ou que possui a presença. Ela não é uma conquista ou uma propriedade da presença, como comumente costumamos pensar. Trata-se de um modo de ser, de conquistar isso que tem que ser. A presença está condenada à liberdade. Assim, ela se revela como um entregar-se ao mundo, um abandonar-se ao ente, no

sentido de deixar que ele se mostre assim como é. Trata-se de uma disposição, de um “estar-livre”, disponível e aberto para deixar que a coisa se manifeste e se desvele.

Heidegger critica o padrão do nivelamento no qual se algo não cabe em determinado padrão de adequação, a coisa é considerada como falsa. Para ele as coisas não são pelo padrão ou nivelamento. Não somos nós que controlamos o aparecimento dos entes: eles se manifestam e a presença como livre e aberta acolhe tal manifestação. Desse modo, a liberdade é o fundamento do comportamento da presença com a coisa desvelada. A presença é liberdade no seu modo fundamental (enquanto *ek-sistência*), porque libera o ente para a sua abertura, ela “deixa-ser” o ente para o seu desvelar.

Liberdade como fundamento da verdade possibilita o acontecimento de verdade-desvelamento. O encontro de aberturas do mundo e da *presença* acontece numa sintonia que é liberdade: comportamento da *presença* em “deixar” o ente ser o que ele é. “A liberdade em face do que se revela no seio do aberto deixa que cada ente seja o ente que é. A liberdade se revela então como o que deixa-ser o ente”.<sup>13</sup> Somente através da liberdade que acontece a verdade.

O “deixar” se refere a um entregar-se ao aberto e à sua abertura. Heidegger explica que esse “deixar” não significa uma omissão ou indiferença. “Deixar-ser” o ente significa liberá-lo para ser aquilo que ele é. Liberdade se configura como um deixar-se, um expor-se ao ente: *ek-sistente* - exposição ao ente. Só compreenderemos o conceito de liberdade se compreendermos o conceito de verdade como desvelamento. “A liberdade é o abandono ao desvelamento do ente”.<sup>14</sup>

Podemos usar um exemplo para compreender melhor a liberdade: uma pessoa que sempre passa pelo mesmo lugar e nunca percebe que no seu caminho existe uma árvore “jaqueira”. Porém esta árvore esteve o tempo todo ali, e um dia a pessoa a percebe. Somente ao perceber a jaqueira é que tal ente passou a fazer parte do mundo da pessoa. O ente (a árvore) sempre

---

<sup>13</sup> Id. Sobre a essência da verdade. In: **Heidegger**: Conferências e Escritos filosóficos. p. 128.

<sup>14</sup> Ibid., 128.



esteve “aberto” e a despresença, enquanto abertura (liberdade), percebe. A presença encontrou-se com o desvelamento do ente. Ou seja, ela descobriu o ente árvore.

A presença é um ente privilegiado porque enquanto abertura ela se relaciona com o mundo. O desvelamento inicial do ente, a pergunta por ele e o começo da história (ocidental) são uma e a mesma coisa, no sentido de *Physis*: aquilo que eclode, que surge por si mesmo. Isto quer dizer então que o ente se desvela e perguntamos sobre ele, e assim inicia a história. Mas isso acontece a todo momento. A pergunta pelo ente abre possibilidades. Ao perguntarmos elevamos e mantemos o ente em seu desvelamento. Em todas as épocas perguntamos pelo ente e, conseqüentemente, pelo ser. Por isso o ser é epocal e historial: porque ele desvela todo o contexto de uma época.

A presença enquanto existência é liberada para a sua liberdade. Somente esta lhe permite fazer uma escolha de algo possível dentro de suas possibilidades no mundo. Somente a liberdade permite a uma humanidade inaugurar a relação com o “ente em sua totalidade”, isto é o mundo, e a partir disso construir sua história.

A história das possibilidades da humanidade é protegida e conservada no desvelamento do ente em sua totalidade. Desse modo a verdade resguarda e conserva a história da humanidade. As decisões da história acontecem conforme a maneira do desdobramento da essência da verdade. Ou seja, conforme o desdobramento da liberdade.

Assim, como liberdade é a essência da verdade, a presença pode não deixar o ente ser aquilo que ele é, encobrando-o, velando-o. Torna-se então aparência e disto surge a não-essência da verdade. Compreender que a não-essência deriva da mesma essência da verdade é um passo para a compreensão da verdade como desvelamento. A não-essência da verdade é o mistério, é aquilo sobre o qual nada podemos afirmar ou negar, é o desconhecido. Verdade enquanto desvelamento é dissimulação porque ao desvelar, há sempre algo velado (não-verdade). Neste sentido, desvelamento é sempre dissimulação do ente, porque ao mesmo tempo em que uma verdade se desvela, esconde ou oculta outras verdades.

No romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, a personagem “Capitu” tem os seus olhos caracterizados como “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”.<sup>15</sup> Isso significa que o olhar de

---

<sup>15</sup> ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo, SP: Abril cultural, 1978. Capítulo XXV/*No passeio público*, p.208.

Capitu ao mesmo tempo em que revela, esconde algo. O seu olhar demonstra falsidade ou inverdade. Mas, nesse desvelar algo, há um velamento. É um desvelamento dissimulado. É como se Capitu dissimulasse, através do olhar, o velado no seu desvelar. Consiste num desvelar que vela, que esconde.

O exemplo citado, da obra de Machado de Assis, mostra o conceito de dissimulação de Heidegger, que se configura como o desvelamento que dissimula o velado como desvelamento total. E o que está velado é a não-verdade. Nesse sentido verdade-desvelamento-dissimulação origina-se da não-verdade. Esta então corresponde à verdade como *Alétheia*, a copertença entre velamento e desvelamento.

Dissimular é desvelar velando. A não-verdade, enquanto velamento, torna-se verdade porque o ente sai de seu velar para o seu desvelar. Assim, não-verdade pode ser caracterizada como aquilo que ainda não se desvelou, aquilo que está encoberto. É justamente a partir da não-verdade que a verdade pode acontecer. Desse modo a essência da verdade se revelou como não-verdade, enquanto possibilidade de ser, ou seja, a verdade está fundada na liberdade. A obra de arte, por exemplo, guarda em si possibilidades de desvelamento de ser, que nela estão ocultas como não-verdades. Neste sentido, a obra de arte está relacionada com a liberdade. Assim, liberdade significa expor o ente, ou seja, deixar desvelar-se na abertura da presença como verdade do ente. Essa “ex-posição” do ente traz à luz a “ek-sistência” humana, como a liberdade.

## Capítulo 2

### TRANSCENDÊNCIA E VERDADE

#### 2.1 - *Liberdade como fundamento da Transcendência*

Afirmamos que o conceito de liberdade é a essência da verdade como desvelamento.

Enquanto liberdade, a presença “deixa-ser” o mundo no sentido de “deixar acontecer” o mundo, assim, dizemos que ela é formadora de mundo, pois ela o descobre em seu ser relacionando-se com esse ente, seja na relação de uso ou ocupação, seja ainda na contemplação. Ao descobrir o ente em seu ser, a presença desvela modos próprios de ser e, dessa maneira, transcende a si mesma, quer dizer, ela ultrapassa o seu próprio ser. Isto significa que ela “projeta” antecipadamente o seu ser, isto é, ela existe antecipando suas possibilidades de ser. Nesse sentido, ela procura conquistar aquilo que ainda não é, mas que já é enquanto antecipação no projetar de suas possibilidades de ser no mundo e com o mundo. “Nós designamos aquilo em direção do qual (horizonte) o ser-aí como tal transcende, o mundo, e determinamos agora a transcendência como ser-no-mundo”.<sup>16</sup> Assim, a presença não é “ser-no-mundo” pelo fato de existir, e sim o contrário, ela existe porque sua constituição essencial reside no “ser-no-mundo”.

Transcendente é aquele que realiza a ultrapassagem, que projeta possibilidades de si mesmo em direção ao mundo. A transcendência refere-se àquilo que é próprio da presença, é constituição fundamental deste ente. O que se ultrapassa é a própria presença.

O mundo é constituído ontologicamente pela presença. Isto quer dizer que ela significa o mundo. “A ultrapassagem para o mundo é a própria liberdade”.<sup>17</sup> A liberdade deixa imperar e acontecer o mundo como mundo, já que a presença é abertura para o aberto do mundo.

A liberdade se transfigura como o fundamento da transcendência.

---

<sup>16</sup> HEIDEGGER, Martin. Sobre a essência do fundamento. In: **Heidegger**: Conferências e Escritos Filosóficos. p. 95.

<sup>17</sup> *Ibid.*, 109.

A presença como transcendência ou “ser-no-mundo”, se projeta em direção ao mundo. Como a presença reside na liberdade, ela deixa o mundo acontecer e existindo ela transcende. “E somente quando acontece esta história primordial, a transcendência, isto é, quando ente com o caráter do ser-no-mundo irrompe para dentro do ente, existe a possibilidade de o ente se revelar”.<sup>18</sup>

Somente na transcendência o ente enquanto ente pode vir à luz.

A transcendência, a ultrapassagem para o mundo é a liberdade. Importante lembrar que a liberdade que aqui se fala, não é o livre arbítrio, nem é propriedade da presença: é o lugar de encontro de ser e presença. Liberdade é aquilo que projetando faz imperar o mundo, que deixa-ser o ente. Para compreender a liberdade no âmbito da transcendência, faz-se necessário compreender antes de tudo o conceito de fundamento e de fundar.

Heidegger cita três modos de fundar que caracterizam a transcendência: o fundar como erigir, como tomar-chão e como fundamentar.

Fundar como erigir é o projetar em direção ao mundo. É o projeto da possibilidade de si mesmo. Significa projetar “em-vista-de” si mesmo, para si mesmo. Nesse modo de fundar há sempre um retorno ao ente pela ultrapassagem. Assim, mundo só é revelado porque a presença existe como projetante “em-meio-a” mundo.

A presença só pode ser ou existir no mundo, na ocupação com os entes. A presença ocupada pelo ente assume um modo de ser e conquista fundamento, ou seja, toma-chão, assento em meio ao mundo como “ser-no-mundo”. Assim, a presença funda mundo situada numa relação com o ente e consigo mesma. Isto é transcendência.

De acordo com esses dois modos de fundar, a transcendência se revela como aquilo que excede e que priva. A presença é transcendência porque é liberdade para projetar possibilidades que excedem, ao mesmo tempo priva-se de certas possibilidades. Mas essa privação de possibilidades, decididas na ocupação, traz para a presença possibilidades acessíveis e possíveis no projeto de mundo. Isso mostra que a liberdade da presença é finita, pois não tem como ultrapassar os limites do mundo. Das projeções da presença devem fazer

---

<sup>18</sup> Ibid., p. 106.

parte o mundo e os entes e nada além disto. Ela transcende, ultrapassa, somente no mundo. Suas possibilidades estão dentro do limite do mundo, numa relação com as coisas deste.

A partir disso, podemos observar que Heidegger busca superar o pensamento tradicional metafísico, que põe o conceito de transcendência como um ultrapassar para fora ou para além do mundo. Compreendemos essa diferença no pensamento de Platão que divide o mundo em dois: mundo sensível (cópia das idéias) e mundo inteligível (mundo das idéias). A transcendência platônica cria um modelo racional - a dialética - para se conhecer a verdade. Sob esse modelo surge a dualidade da alma e do corpo, na qual a transcendência da alma sobre o corpo consiste no deslocamento da vida virtuosa da ação para a contemplação.

A transcendência na tradição diz respeito àquilo que ultrapassa a sensibilidade, como aquilo que faz parte das categorias do entendimento ou de um processo intelectual. Desse modo, ela só seria possível com base num conhecimento determinado, numa verdade pré-determinada. Em oposição a isso, Heidegger entende que a transcendência acontece na imanência da presença ao mundo como abertura para o ser, ou seja, como compreensão de ser, que constitui ontologicamente a presença. Quando a presença transcende ela deixa o ente ser o que ele é, desta forma, ela compreende o ser deste ente. Mesmo sem compreender o ser em sua totalidade, ela compreende algo, ela compreende previamente o ser deste algo. Isto é compreensão de ser que se mostra como transcendência. Porém, o que Heidegger difere da tradição é que a seu ver a transcendência está vinculada à questão da temporalidade, pois a presença é epocal.

No terceiro modo de fundar, como fundamentar, a transcendência da presença assume a possibilidade da revelação do ente em si mesmo, da verdade ôntica, ou seja, verdade do ente. “Fundamentação significa tanto como a possibilitação da questão do porquê em geral”<sup>19</sup>. A pergunta, o “porquê”, já é em si transcendental, pois ao perguntar já sabemos de algo previamente e ultrapassamos esse algo. A origem do “porquê” transcendental é necessária, pois nestse “porquê” já reside uma “pré-compreensão” (compreensão prévia) do ser:, isso quer dizer que já contém a resposta primordial para todo o questionar. Esse fundamentar transcendental, onde ser é desvelado, chama-se verdade ontológica ou verdade-desvelamento. Somente na claridade da compreensão de ser o ente pode ser revelado no que ele é e como é.

A liberdade que possibilita o fundamentar, essência do fundamento, é transcendência. Projetar, compreender e desvelar ser é transcendência como a verdade ontológica e verdade-desvelamento. Mas a transcendência acontece como verdade porque esta brota da liberdade como deixar-ser. Fundar é transcendência e esta funda porque sua essência é a liberdade. Pelo fato do fundamento brotar da liberdade e transcender, a presença pode dissimular e encobrir a verdade. Desse modo, a transcendência pode ocultar-se, porém, ainda assim neste ocultamento ela está desvelada.

O acontecer da transcendência como fundar, nos três modos vistos (erigir, tomar-chão, fundamentar) possibilita a presença existir enquanto “ser-no-mundo”. “A liberdade é a fonte do princípio do fundamento; pois nela, na unidade de excesso e privação, se funda o fundamentar que se configura como verdade ontológica”.<sup>20</sup> Isto significa que a verdade acontece a partir da liberdade, mas enquanto este fundamento, a liberdade é o abismo, ou seja, o sem-fundamento da presença.

Na medida em que a liberdade é o fundamento sem fundamento da transcendência, a presença pode atribuir qualquer sentido ao ser. Assim, ela se projeta ao mundo a todo instante e cria o seu próprio destino, sua própria história.

## ***2.2 - Transcendência e criação***

Transcendência da presença se mostra através da antecipação de ser, isto é, o fato de estar-lançado em direção ao mundo, efetivando assim a verdade do ser e do ente. A presença está lançada no mundo porque ela é a abertura que projeta e revela ser. Na medida em que faz a experiência de ser, ela transcende a si mesma. Essa experiência se dá a todo momento porque a sua existência se dá na antecipação, ou seja, no projetar que desvela modos de ser e acontecimentos históricos. Quando a presença inaugura e institui acontecimentos do ser e do ente, ela cria novas realidades e situações.

Ao se projetar em direção ao mundo a presença desvela ser através do movimento de desvelar-velar. Verdade ôntica (verdade do ente) se funda na verdade ontológica (verdade do ser). Isso significa: ser só se mostra através/pelo ente.

A existência só é fundamentalmente possível na e por meio da compreensão de ser. Pois apenas essa compreensão possibilita que o ser-aí se comporte em relação ao ente e, em meio ao comportamento em relação ao ente que ele mesmo não é, se comporte em relação a si mesmo como ente.<sup>21</sup>

Compreensão de ser é “um acolhimento projetivo de ser. Projeto é estruturante da compreensão e da presença, que se comporta em relação ao ente na medida em que ela existe. O caráter do projeto é prévio, pois a presença previamente compreende ser ao se comportar em relação ao ente. Desse modo, o projeto é antecipador. O ente só se manifesta para nós a partir do ser do ente já compreendido. Visto que sempre nos comportamos constantemente em relação ao ente, sempre retornamos ao ente a partir de uma compreensão prévia de ser.

Ao projetar previamente ser no ente ultrapassamos o ente em seu ser. Somente assim o ente se manifesta como ente. Ultrapassar, como explicamos, significa transcender. A presença existe transcendendo, ela é transcendência. Assim a transcendência é um acontecer peculiar da presença. Os outros entes não são capazes de transcender. Apesar de estarem no mundo eles não dão significância ao mundo. Nesse sentido eles não existem como a presença. Da mesma forma os animais não morrem como a presença, eles perecem. Os animais estão no mundo, mas não são formadores de mundo como a presença. Não têm liberdade, só reagem ou agem por repetição. Desse modo Heidegger afirma que o “animal é pobre de mundo”<sup>22</sup> porque ele não tem acesso ao ente enquanto ente, ele não é constituído de mundo como o homem a presença.

A transcendência [...] refere-se àquilo que é próprio do ser-aí humano e isto não, por certo, como um modo de comportamento entre outros possíveis de vez em quando posto em exercício, mas como constituição fundamental deste ente, que acontece antes de qualquer comportamento

.<sup>23</sup>

---

2

<sup>22</sup> Id. **Os Conceitos Fundamentais da Metafísica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 207.

<sup>23</sup> Id. Sobre a essência do fundamento. In: **Heidegger: Conferências e Escritos Filosóficos**. p. 94.

2

A verdade enquanto desvelamento em sentido próprio, como compreensão projeto prévia de ser, só é possível agora com base na transcendência da presença. Isso mostra, portanto, que a verdade-desvelamento funda-se na transcendência.

Na medida em que a presença existe como formadora de mundo, ela é o fundamento, a abertura onde a verdade pode acontecer. Somente a presença é capaz de criar, porque somente ela existe como ente que compreende e projeta ser no ente.

Através da criação o ente é trazido para o seu desencobrimento. Isso significa que pela criação acontece a verdade do ser e do ente. A obra de arte é uma criação da presença que preserva e carrega a verdade de uma determinada época de um povo histórico. Assim ela é capaz de nos remeter àquilo que ela desvela. “A criação é o fundamento da historicidade da presença e da história do mundo porque, como projeto, a criação desvela e libera o contorno dos acontecimentos históricos como verdade do ser e do ente”.<sup>24</sup>

No texto *A origem da obra de arte* Heidegger rejeita a interpretação de definir nega que o artista como seja a causa eficiente da obra porque esta não pode ser considerada como produto. A obra se diferencia do utensílio, do produto, porque apesar deste ser também criado, ele tem uma utilidade. E essa utilidade muitas vezes é definida pelo material usado. AO instrumento se faz instrumento no seu uso, porém o seu material some e aparece somente a sua utilidade. Na obra de arte, no entanto, há sempre algo de outro que é posto em conjunto com a coisa confeccionada. A obra é obra de arte porque “efetua” o ser num ente, traz o ente ao seu desencobrimento. Ela não é compreendida sob a perspectiva da representação, porque a obra antes de tudo mostra o modo de ser da presença e de sua época, nesse sentido ela é desvelamento. Ela se “presenta” nela mesma.

A técnica (*Techné*), compreendida como um modo de saber, de ter visto, de reconhecer o que está presente diante de nós enquanto tal é a capacidade de colocar na obra o ser como um ente que seja a cada vez isso ou aquilo. Nesta perspectiva usada pelos gregos antigos, *Techné* designa arte. Tanto o artista quanto o artesão eram considerados *Técnis*, porque na produção e elaboração eles permitiam ao ente apresentar-se, ou seja, sair do encobrimento para o seu desencobrimento. Assim, arte não significa artesanato e nem arte no sentido moderno, e muito

---

<sup>24</sup> FERREIRA, Acylene Maria Cabral. Arte no pensamento de Heidegger. In: **Arte no pensamento**. Vitória ES, Museu Vale do Rio Doce, 2006, p. 220



menos designa um desempenho meramente técnico. Saber entendido como efetuação ou fabricação não é, portanto *Techné*. O produzir da obra de arte é um fazer determinado pela essência da criação e permanece a ela reservado. A criação tem sua essência na *Techné*. Ela conserva a abertura do ser no ente, sempre singular.

É preciso, contudo, retornar à obra e ao artista, mas como criação e criador, e não como produção e produtor. Nesse sentido a obra e a presença transcendem. A obra transcende porque ultrapassa o seu ser coisa e torna-se outro. Ela desvela ser. E a presença transcende porque ela mesma é criação, ela ultrapassa seu ser ao realizar modos de ser. Ao criar, a presença em sua essência como liberdade, traz o ente ao desencobrimento. E a obra de arte como criação e não como produto alegórico, é instauração da história. A presença é criadora e transcendente, portanto possibilita a instauração da história, o acontecer da verdade do ser e do ente.

A presença é quando “experencia” ser, ela expressa a si e o mundo. Ao criar, ao trazer o ente para o aberto ou para o seu desvelamento, a presença transcende, se direciona ao ente que ela mesma é e ao mundo, por isso ela é “ser-no-mundo”. Como criação ela realiza possibilidades de ser. “Criação é a abertura que possibilita o desvelamento dos acontecimentos, enquanto verdade do ser e do ente”.<sup>25</sup> Assim, a criação copertence a liberdade como deixar-ser e abismo, o fundamento sem fundamento.

Desse modo podemos observar, a partir do pensamento de Heidegger, uma correlação dos conceitos de liberdade, transcendência e verdade, com o conceito de criação. Vimos que criação é o fundamento da verdade, assim como a transcendência é a condição de possibilidade de ultrapassagem da presença em direção ao mundo. A presença transcende porque é constituída pela liberdade, que por sua vez, funda a verdade do ser e do ente. Criação é o desvelar da verdade ontológica e portanto, da verdade ôntica.

A criação da obra de arte é um processo em que não existe um artista como meio e nem obra como um fim: o que há é uma fusão entre obra, artista e arte. Nesse sentido o artista é uma passagem que se destrói na própria passagem, a obra se faz nas mãos do artista, e este se faz pela força da arte. A criação acontece dentro de um âmbito que ultrapassa obra e artista, isto

---

<sup>25</sup> Ibid., p. 221.

é, no âmbito da transcendência. Ao compreender o ser, a presença desvela o ente. Isso significa, que dentro do campo da arte, a presença cria a obra, trazendo-a para o aberto, para o seu desvelamento. A arte põe em obra, por sua vez, a verdade.

Existindo, a presença cria possibilidades de ser em modos de “ser-no-mundo”. E isso é projetar antecipadamente o seu ser, é transcendência e abertura onde o ser se desvela. A obra criada pela presença deixa a verdade acontecer. Dessa maneira, criar significa participar da verdade. Criação é aquilo que brota da não-verdade que transcendendo ganha possibilidade de ser e de manifestar a verdade-desvelamento. Quando a presença cria, ela transcende e atribui um sentido ao ser de um ente. A criação na obra de arte é uma possibilidade de deixar um ente ser em seu ser.

O artista que produz, por exemplo, uma cadeira não está atado somente à instância do uso, é como se ele se entregasse confiantemente ao seu material, por isso ele deixa a cadeira vir à tona. A cadeira torna-se algo além do que é habitualmente. Ela transmite beleza, brilha no seu desvelar. É como se ela nos remetesse a algo que não está explícito apenas na sua utilidade. Tal cadeira torna-se obra de arte, porque é capaz de nos remeter a algo além da sua manualidade. Faz parar aquele que a vê, para percebê-la de forma inabitual, vê-la como obra de arte e não somente como cadeira do uso cotidiano

### ***2.3 - Arte como acontecimento da verdade***

A arte, para Heidegger, é “o pôr-se-em-obra da verdade”.<sup>26</sup> Ao relacionar a arte com a verdade, o filósofo vai afirmar que a questão da arte é histórica, mas não se trata de história da arte ou da estética, e sim do fazer-se época a potência histórica da arte. Porque a arte é a abertura que manifesta modos de ser dos entes, por isto, ela é histórica. A arte como manifestação da verdade-desvelamento expõe a história do ser. Como a verdade funda-se na liberdade, dizemos que ela está imbricada com a liberdade. Enquanto liberdade, a presença cria e conseqüentemente transcende, realizando assim a verdade, o desvelamento do ser e do ente.

A verdade acontece de diversos modos. Um desses modos é através da arte. Se a arte é o “pôr-se-em-obra” da verdade, o quê é a arte só pode ser procurado em sua origem, no lugar onde ela vigora: na obra de arte. A origem de algo é a proveniência da sua essência. A obra tem sua origem a partir da atividade do artista, este é pela obra e os dois são pela arte. Se o artista for considerado como origem da obra, esta será um produto e o artista a sua causa eficiente. “É preciso que percorramos inteiramente este curso circular. [...] Trilhar este caminho é força, e permanecer nele é festa do pensar, supondo que o pensar é um ofício (trabalho manual)”.<sup>27</sup>

O que diferencia a obra de uma coisa? A obra ultrapassa o seu caráter de coisa, ela é algo de outrodiferente e constitui o artístico. O caráter de coisa é o alicerce no qual a obra é construída. Mas o que é esse caráter de coisa, o ser-coisa (coisidade da coisa)? Temos de deixar isso claro para podermos afirmar que a obra não é uma coisa. A coisa é uma modalidade do ente, isto que dela aparece é um fenômeno. Desse modo, coisa é isto que aparece e se manifesta, como um simplesmente dado em sua manualidade, isto é, em sua mundanidade.

Heidegger explica que existem três concepções de coisa. A primeira diz que uma coisa é pelas suas propriedades, mas isso só descreve as características, não revela a coisa. Sob essa concepção está a estrutura da enunciação, que é a ligação de sujeito e predicado, por exemplo, ao afirmar: a casa (sujeito) é amarela (predicado). A enunciação que “a casa é amarela” não diz o que é a casa, só dá uma característica: cor amarela. Por consequência da primeira, vem a segunda concepção de coisa, como a unidade daquilo que é dado aos sentidos. Pode-se observar que no aparecer das coisas nunca se sente propriamente uma afluência de sensações, os sons e ruídos. O que se ouve é o ranger da coisa cadeira, a buzina do carro, o ruído da batida da porta. Os sons não são ouvidos de forma abstrata, o puro ruído, as sensações acústicas. Quando se ouve um som direciona-se ao objeto ou à coisa que está provocando tal som, como o toque suave que direcionamos à flauta. Não ouvimos o puro som ou o puro ruído, porque as coisas já estão repletas de significações, elas são muito mais próximas que as sensações.

A terceira concepção de coisa é dada pela forma e matéria. Aquilo que dá o caráter permanente e nuclear, e ao mesmo tempo, causa o modo da sua afluência sensível, o colorido, o sonoro, o duro, é a matéria unida a uma forma. Esta concepção dá o aspecto (εἶδος) da coisa. Dessa forma esta concepção se adaptou às coisas da natureza e às coisas de uso. A forma determina a distribuição da matéria, e ainda traça a especificação da matéria, a sua dureza, resistência ou flexibilidade. É pela serventia que a coisa é feita, que se fundam a forma e a escolha da matéria. Por exemplo, para se bater um prego na parede, deve-se produzir algo que tenha um formato que se adapte melhor à mão e que seja duro e pesado para introduzir o prego, como o martelo. Assim o que vai fazer produzir o martelo inicialmente é a sua utilidade, a sua serventia e não a forma e a matéria. O caráter da coisa aqui então é dado pelo ser-útil do utensílio ou instrumento. Dessa forma também esta concepção não dá o ser-coisa da coisa. Por outro lado, essa concepção conduz a uma interpretação do ser-útil e ajuda a elucidar o ser-obra da obra, já que o instrumento se assemelha mais à obra, em seu caráter, do que a obra se assemelha à coisa.

O utensílio (instrumento) apresenta uma afinidade com a obra de arte porque é também algo produzido pela presença. Mas a obra é “auto-suficiente” e o utensílio possui uma posição intermediária entre a coisa e a obra. As três concepções se ligam umas às outras e delas, segundo Heidegger, resulta o modo de pensar não apenas acerca da coisa, do utensílio e da obra, mas antes acerca de todo ente em geral. O conceito dominante de coisa impede que seja visto o caráter de coisa da coisa, de utensílio e da obra. “Devemos voltar-nos para o ente, pensar nele mesmo acerca do seu ser, mas deixando-o estar, ao mesmo tempo, na sua essência”.<sup>28</sup> Deixar o ente ser apenas o ente que é, significa não determiná-lo antecipadamente antes de sua manifestação.

Procura-se então, o caráter de utensílio do utensílio, a fim de se elucidar o caráter de obra da obra. Para experimentar aquilo que o utensílio é, o ser-utensílio, Heidegger escolhe uma pintura de um par de sapatos de camponês, feita por van Gogh. Tal utensílio serve para calçar os pés. A forma e a matéria variam de acordo com a sua serventia, pode ser para trabalhar no campo, ou para dançar, ou para praticar esportes. Sabe-se que o ser-utensílio do utensílio consiste na sua serventia.

Da abertura escura do interior deformado do calçado, a fadiga dos passos do trabalho olha-nos fixamente. No peso sólido, maciço, dos sapatos está retida a dureza da marcha lenta pelos sulcos que longamente se estendem, sempre iguais, pelo campo, sobre o qual perdura um vento agreste. No couro, está a marca da humanidade e da saturação do solo. Sob as solas, insinua-se a solidão do carreiro pelo cair da tarde. O grito mudo da terra vibra nos sapatos, o seu presentear silencioso do trigo que amadurece e o seu recusar-se inexplicado no pousio desolado do campo de inverno. Passa por este utensílio a inquietação sem queixume pela segurança do pão, a alegria sem palavras do acabar por vencer de novo a carestia, o estremecimento da chegada do nascimento e o tremor na ameaça de morte. Este utensílio pertence à *terra* e está abrigado no *mundo* da camponesa. É a partir desta pertença abrigada que o próprio utensílio se eleva ao seu repousar-em-si.<sup>29</sup>

É no uso constante do sapato pela camponesa, no seu calçar habitual para ir trabalhar no campo, de forma que ela nem sinta mais o calçado nos pés, que o utensílio se torna mais autêntico. É justamente neste processo de uso do utensílio que o seu caráter vem a tona. O que faz a camponesa calçar os seus sapatos sem nem percebê-los, como se fizessem parte dos seus pés, é a “fiabilidade”. Heidegger explica que tal termo designa a confiança ou a segurança que a camponesa tem no uso, na serventia dos seus sapatos. A fiabilidade é o ser essencial do utensílio. O sapato desgasta-se no seu uso e torna-se habitual assim, o ser-utensílio chega à desolação e isso é o desvanecer-se da fiabilidade, é o testemunho da essência originária do ser-utensílio.

Uma obra de arte mostrou o ser-utensílio, ou seja, o que o utensílio é verdadeiramente, através da fiabilidade da camponesa atribuída a um ente, utensílio, sapato. A obra transporta para além de onde costuma-se estar, para o mundo da camponesa, ela transporta para a abertura de significância de mundo. Portanto, é a partir da obra que o instrumento se mostra enquanto tal e de onde podemos pensar a “coisidade” da coisa.

Na medida em que a verdade se põe em obra, o ente é visto em seu ser e em sua historicidade. Isto significa que a obra tem uma relação com a verdade de um povo histórico. “A história da arte faz das obras de arte objetos de uma ciência”.<sup>30</sup> A obra de arte não é a cópia ou imagem

da realidade ou da natureza, mas o contrário, ela dá primordialmente a verdade de uma coisa, de um instrumento, de uma época.

A arte é *Techné*, no sentido grego de saber, porque ela porta a manifestação do ser e ente na obra de arte. Nesse sentido ela pode ser definida como a clareira que acolhe a manifestação de ser e ente, como o que dá a todas as coisas os seus limites, os seus contornos e as suas determinações.

Como pensar a relação da obra de arte e seu mundo? Ser-obra significa levantar um mundo, torná-lo patente, mantendo-o em vigente permanência. O mundo não é um agregado de coisas, é a abertura que aparece na obra. No quadro, a camponesa do van Gogh tem mundo e aparece como “ser-no-mundo”, porque ela se detém na abertura do ser.

A obra de arte manifesta o aberto do mundo, no sentido em que ela erige a mundanidade do mundo. O utensílio, determinado pela serventia, incorpora aquilo de que é composto, a matéria. Esta é melhor quanto mais desaparece no seu uso, quanto mais for gasta. A obra de arte pelo contrário, não desaparece porque não é útil, antes ela faz com que a matéria surja como natureza no aberto do mundo. Isso faz com que ela resista a qualquer tipo de penetração (científica), porque a matéria de que é feita não revela o que ela é, como se faz na ciência ou ainda na história da arte. “Os metais alcançam o resplandecer e o reluzir, as cores o brilhar, o som o soar, a palavra o dizer”.<sup>31</sup>

Numa obra de arte feita de mármore ou madeira, uma escultura por exemplo, ao mesmo tempo em que faz aparecer o mármore, ela encobre o mármore como natureza, como pedra, e faz surgir, por exemplo, a Vênus de Milo. Esse é o sentido de *terra* na obra. Além de levantar um *mundo*, a obra elabora a *terra*. A terra é aquilo que é manifestado na obra, como os sapatos da camponesa. Na obra de arte a cor reluz e manifesta o brilho do mundo que ela institui. A terra se abre e se clareia no resguardo do que se desvela, no velar e no fechar-se que lhe é próprio.

A pedra, da qual se produz uma escultura, mostra-se como pedra em sua dureza e brilho. Quando está lá no lugar dela, bruta, fazendo parte da natureza, muitas vezes não é observada.

---

<sup>31</sup> Ibid., p. 44.

No “vir-a-ser” da obra de arte a pedra aparece como natureza e não como matéria-prima. A pedra, a madeira, a cor só aparecem no seu ser pedra, madeira e cor na obra de arte.

O mundo e a terra são essencialmente distintos e, no entanto, nunca estão separados. O mundo funda-se na terra e a terra irrompe pelo mundo. A relação entre os dois se funda num combate em que o mundo faz com que a terra se abra e a terra põe o mundo a descoberto. O combate de terra e mundo acontece na obra, é ela que instiga esse combate. O ser-obra da obra consiste nesse combate.

Pode-se esclarecer melhor esse combate explicitando um outro exemplo de obra de arte mencionado por Heidegger: um templo grego. O templo, diferente do quadro de van Gogh, não é arte figurativa, não copia nada. É um recinto sagrado onde um Deus torna-se presente.

A obra que o templo é articula e reúne pela primeira vez à sua volta, ao mesmo tempo, a unidade das vias e das conexões em que nascimento e morte, desgraça e bênção, triunfo e opróbrio, perseverança e decadência... conferem ao ser-humano a figura do seu destino. A vastidão vigente destas conexões que estão abertas é o mundo deste povo histórico. É só a partir dele e nele que este retorna a si mesmo para a realização da sua determinação.<sup>32</sup>

O mundo aberto pelo templo é a unidade de um mundo histórico, que dá a um povo sua destinação. Mas o templo é erigido sobre o rochedo, sobre a terra, testemunhando os elementos e as coisas naturais. E toda essa natureza só se torna visível enquanto ente (em seu ser) a partir do templo; isso é o que faz a terra. Ou seja, o acontecimento de terra no templo faz com que a natureza surja e irrompa no seu todo. Isso que surge e irrompe por si e que ao mesmo tempo ama o encobrimento, os gregos chamaram *Physis* ( $\phi\upsilon\sigma\iota\varsigma$ ). Terra tem esse sentido de *Physis*. Ela se mostra como aquilo que põe a descoberto o que irrompe.

A obra é a instalação de um mundo, e assim é histórica. Essa instalação é a partir da terra. O templo é de mármore, e faz o mármore aparecer em seu ser mármore e ordena toda uma natureza que acontece ao seu redor. A terra é aquilo que se retira, que se fecha antes de qualquer determinação científica. Assim, a relação entre a terra e o mundo é um combate que se trava na obra de arte. A obra institui um aberto e dele toma posse ao manifestar mundo, o acontecimento da verdade do ser e dos entes.

O mundo e a terra são inseparáveis na obra de arte, como são desvelamento e velamento, verdade e não-verdade. A obra de arte põe-em-obra a verdade enquanto combate do mundo com a terra. Arte é o acontecimento da verdade porque ela é o aberto onde se dá o mundo, onde se dá o ente e, conseqüentemente, o ser. Verdade é desvelamento de ser, é “Clareira” (*Lichtung*). Verdade só pode acontecer no duplo modo de velamento e desvelamento.

A Clareira é outro termo introduzido por Heidegger para esclarecer o acontecimento da verdade. É a verdade como o não-estar-encoberto. É o lugar aberto onde o ente pode aparecer. Clareira pode ser pensada como aquele espaço aberto numa floresta, por exemplo, onde a luz penetra e só aparece aquilo que está no claro e o que não está nesse espaço claro, fica encoberto pelo escuro. Clareira e encobrimento separam-se e só o que aparece no aberto é o ente. Ou seja, o ente é conquistado e neste aberto se estabelece a abertura, a verdade. Nesse sentido a verdade se estabelece no ente aberto e, assim, o mantém e o sustenta.

A Clareira como verdade, portanto, é o lugar onde o ente se mostra. Mas ele não se mostra em sua totalidade, há sempre algo velado, porque faz parte da essência da verdade esse velamento, faz parte da essência da verdade a não-verdade. Então a não-verdade é aquilo que pode ser desencoberto, que pode vir a ser verdade. Porém, onde há verdade-desvelamento, há liberdade como deixar-ser o ente naquilo que ele é. Liberdade é um entregar-se ao aberto e a sua abertura.

Faz parte da essência da verdade estabelecer-se no ente para só então chegar a ser verdade. Esse estabelecimento é uma das possibilidades que são dadas a partir da liberdade. Isso significa que antes de afirmar se algo é verdadeiro ou falso, a verdade acontece enquanto desvelamento. A obra traz consigo a abertura do ente, a verdade, porque o seu produzir se dá ao modo do criar. Criar é deixar-ser, é liberdade. Na obra aparece a verdade, nesse sentido a obra é a conformação, a harmonia do aparecer da verdade. Assim, na obra a verdade se sobressai expressamente. Já a verdade do utensílio acontece através da sua serventia. O que é confeccionado dissipa-se no seu uso. Percebe-se que se está perante o utensílio, mas logo esquece-se dele quando em uso. Porque o seu uso é habitual, os utensílios se perdem no mundo do cotidiano. Porque a arte revela a verdade de um povo histórico, ela é abertura que manifesta ou deixa surgir a mundanidade do mundo. Ela quebra com a habitualidade em que costuma-se estar e mostra a originalidade do mundo que ela erige.



A verdade na obra de arte acontece na medida em que é poetada. Nesse sentido, a arte como acontecimento da verdade é poesia enquanto acontecimento originário da verdade, assim ela traz ao aberto e faz brilhar o ente enquanto ente. “Todo o criar é um ir buscar água à fonte”.<sup>33</sup> A arte permite que a verdade do ente brote na obra de arte. Brotar é originar, quer dizer, trazer ao ser.

A ciência, pelo contrário, não é um acontecer originário da verdade, mas antes, em cada caso, o desenvolvimento de um âmbito de verdade já aberto e, na verdade, mediante o apreender e o fundamentar daquilo que, na sua área envolvente, se prognostica [como sendo] correto, quer possível quer necessário.<sup>34</sup>

A arte é essencialmente histórica, pois ela institui a historicidade de um povo. Desse modo ela é originária da verdade de um povo, de um modo como a verdade acontece. Nesse sentido ela é sempre singular, ela é instauração do lugar da verdade. A obra nos faz permanecer nela, na sua abertura. E essa permanência trata-se de uma experiência singular e histórica de um mundo revelado por ela. A arte, sendo uma origem, é liberdade, carrega possibilidades de ser. Desse modo ela sempre será a condição para a experiência da abertura do ser, ou seja, da verdade-desvelamento-*Alétheia*.

O ensaio *A origem da obra de arte* não é uma análise ou uma experiência estética, trata-se da fundação dos modos de ser de um povo histórico. Trata-se de reflexões que têm a ver com o enigma que é a arte, e nele Heidegger afirma que a nossa tarefa consiste em ver o enigma e não tentar decifrá-lo. Quem funda a história é a presença, porque ela é liberdade como deixar a verdade acontecer, na obra de arte. Pode-se observar a tentativa do filósofo em pensar a arte e a sua essência através do caráter de obra da obra de arte, já que o caráter de coisa mostrou-se insuficiente. Ele chega à conclusão de que a arte é originária.

A origem é pensada a partir da essência da verdade, ou seja, da liberdade, pois para o filósofo a arte é um acontecimento da verdade-desvelamento. Ao criar, trazendo o ente para o descobrimento, a presença transcende em direção ao mundo. A liberdade da presença deixa o ente aparecer como ente, deixa o mundo acontecer como mundo. Isso significa, que a obra de arte abre-se para a presença e esta se abre para a obra, porque ambas são aberturas para o mundo. Quando a presença compreende o ser, nessa sintonia de aberturas, ela transcende e a

---

3

<sup>34</sup> Ibid., p. 64.

verdade acontece. O fundamento da relação da presença com o ente está na liberdade, como deixar-ser o ente. Porque a presença é constituída pela liberdade e pela compreensão projetiva de ser, a verdade acontece e se faz a história.

## CONCLUSÃO

No que expomos sobre o pensamento de Heidegger, podemos perceber que ele se propõe repensar alguns conceitos essenciais da Metafísica, dentre os quais, ser, verdade e liberdade. Ele tenta trilhar outro caminho, buscando os fundamentos de tais conceitos, a fim de mostrar que esses não se sustentam da forma como são colocados pela filosofia tradicional. O filósofo tenta restituir o sentido originário do conceito de verdade como *Alétheia*. Para ele a verdade é uma questão ontológica, ligada ao ser. Ela é histórica assim como a presença, porque ela é a responsável pelo destino de sua história. Ela expõe o desvelamento do ente, isto é, a verdade do ente que se revela em seu ser. Ela decide acerca do seu destino, que acontece como história.

Vimos que um dos modos essenciais da verdade como desvelamento acontecer é através da arte. Esta para Heidegger é originária porque expõe acontecimentos históricos. Através da obra de arte a presença pode fazer a experiência da verdade do ser e realizar suas possibilidades e, deste modo, compreender ser e transcender a si e ao mundo. A criação da obra de arte faz emergir no aberto do mundo a verdade como desvelamento. A obra é, assim, a instalação de um mundo.

A obra de arte, sob o viés da estética, está sujeita a critérios técnicos. Isso porque a estética utiliza o modo de ser determinado pela técnica moderna. Sendo assim, ela dispõe a obra de arte como algo pronto para ser utilizado. Na confecção da obra já está pré-determinada a sua disponibilidade e, nisso lhe são retirados outros modos possíveis de se desvelar. Dessa maneira o modo como a arte é tratada pela estética causa um esvaziamento da mesma, porque acaba por determinar uma verdade para a obra. Por outro lado, a arte pensada em sua relação com a verdade e a liberdade, desvela possibilidades de ser que estão veladas. Da mesma forma que a verdade-desvelamento, a obra de arte se mostra também através do desvelar-velar, assim como acontece na diferença ontológica: velar e desvelar de ser e ente.

O perigo da técnica, para Heidegger, não está em entregar-se a ela ou ao uso das máquinas. A ameaça consiste em que o modo de ser da técnica metódico e calculista pode vetar a presença à experiência da verdade originária. O mesmo pode acontecer na obra de arte que, tornada

disponível como algo apenas para embelezar ou enriquecer um ambiente pode ocultar verdades e possibilidades de ser.

Para contornar esse problema, é necessário buscar um novo caminho, um novo modo de pensar que medite sobre a questão do ser, que pense o ente sem esquecer que ele guarda ou vela o ser. Cientes da diferença ontológica podemos cair na objetivação do ser, mas ao mesmo tempo poderemos dela escapar e percebermos que este é o movimento do ser acontecer: a diferença ontológica que funda a verdade ontológica e a verdade ôntica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução Eudoro de Souza. São Paulo: Nova cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores).

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo, SP: Abril cultural, 1978.

DASTUR, Françoise. *A la naissance des choses: art, poésie et philosophie*. Paris: Encre Marine, 2005.

DUBOIS, Christian. *Heidegger: Introdução a uma leitura*. Trad. Bernardo Barros C. de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

ECHARRI, Jaime. *Fenómeno y verdad em Heidegger*. Bilbao: Universidad de Deusto, 1997.

FIGAL, Günter. *Fenomenologia da Liberdade- Martin Heidegger*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

HAAR, Michel. *Heidegger e a Essência do Homem*. Tradução de Cristina Alves, Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

HEIDEGGER, Martin. *Heidegger: Conferências e Escritos Filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo, SP: Nova cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. *Caminhos da Floresta*. Trad. Irene Borges Duarte e Filipa Pedroso. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

\_\_\_\_\_. *A caminho da Linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988. Parte 1.

\_\_\_\_\_. *Ser e Verdade*. Trad. Emanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Introdução à filosofia*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Heráclito: A Origem do Pensamento Ocidental. Lógica: A Doutrina Heráclítica do Logos*. Trad. Márcia de Sá C. Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

\_\_\_\_\_. *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica. Mundo-Finitude-Solidão*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. *Seminários de Zollikon*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a Pensar*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 2002 Vols. I e II.

NUNES, Benedito. *Passagem para o poético*. Filosofia e poesia em Heidegger. São Paulo, SP: Ed. Ática, 1986.

PESSOA, Fernando (organizador). *Arte no Pensamento*. Vitória-ES: Museu Vale do Rio Doce, 2006.

PLATÃO. *A República*. São Paulo, SP: Martin Claret, 2002.

SADZIK, Joseph. *Esthétique de Martin Heidegger*. Paris: Éditions Universitairee, 1963.

STEIN, Ernildo. *Seminário sobre a verdade: lições preliminares sobre o artigo 44 de Sein und Zeit*. Petrópolis-RJ: vozes, 1993.